

O papel da oralidade no livro-reportagem do Terreiro Ylê Asé Ayrá Onydancor¹

Marcus Vinicius Gomes de JESUS²

Paloma Cristina da Silva SOUZA³

Céres SANTOS⁴

Márcia Guena dos SANTOS.⁵

Universidade do Estado da Bahia

Resumo

Este artigo trata dos meios teóricos e metodológicos que nortearam a pesquisa *Imagens e História das Religiões de Matriz Africana*, no bairro do Quidé, em Juazeiro, na Bahia, cujo produto final é um livro-reportagem. Para isso, recorremos a oralidade e a memória na recuperação de parte da história das religiões de matriz africana, desse bairro, considerado como o que tem o maior número de habitantes negros/as e o que já teve o maior número de terreiros de Candomblé. Nesse resgate, para a produção do livro sobre o Terreiro Ylê Asé Ayrá Onydancor, fundado em 1964 por Manoel Rodrigues da Rosa, as principais fontes foram as entrevistas com familiares e pessoas próximas ao terreiro. Neste artigo, refletimos sobre a abrangência e limites da oralidade e da memória e a aproximação da Comunicação e da História, na construção de narrativas jornalísticas.

Palavras-chave: História oral; Oralidade; Memória; Terreiro e Livro-reportagem.

Introdução

Este artigo traz as principais discussões teóricas metodológicas que nortearam a pesquisa, ainda em curso, iniciada em 2018, *Imagens e História das Religiões de Matriz Africana*, no bairro do Quidé, em Juazeiro, na Bahia. Esta investigação contou com a participação de dois bolsistas financiados pelo Programa Afirmativa, vinculado a Pró-reitora de Ações Afirmativas da UNEB, Marcus Gomes e Paloma Cristina da Silva Souza, sob a orientação das professoras doutoras, Márcia Guena dos Santos e Céres Santos, ambas coordenadoras do grupo de pesquisa *Rhecados – Hierarquizações Raciais, Comunicação e Direitos Humanos*, credenciado junto ao Conselho Nacional de

¹ Trabalho apresentado IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, na XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da DCHIII-UNEB, e-mail: gomes.marcus.j@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da DCHIII-UNEB, e-mail: palomacristina0705@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Dra. do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da DCHIII-UNEB, e-mail: cerasantos3@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora Dra. do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da DCHIII-UNEB, e-mail: marciaguena@gmail.com.

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Enfatizamos estes aspectos, para demarcar nossas áreas de interesse dentro de um tema mais abrangente de pesquisa.

Nesta primeira fase da pesquisa, investigamos o terreiro de Candomblé, o mais antigo do bairro, o Ilê Asé Ayrá Onydancor, com 56 anos de existência, a partir de dois subprojetos: um voltado para a história do terreiro e outro dedicado a maior festa desta casa religiosa, a Festa do Caboclo Boiadeiro, quando três tradições se encontram: indígenas, vaqueiros e o povo de terreiro. Este trabalho culmina com a redação de um livro-reportagem, que articula imagens e memórias, a partir de um discurso jornalístico e histórico.

Transitando entre os campos da Comunicação e da História, pretendemos, com estas pesquisas, contribuir na construção da história negra da região, pois há uma lacuna de informações e fontes, bem como de interesses acadêmico e jornalístico, apesar de Juazeiro concentrar 73% de população negra (IBGE/SIDRA).

Esta ausência foi detectada na pesquisa realizada por este grupo em 2018, quando investigamos dois jornais da região para saber como os episódios relacionados a intolerância religiosa estavam sendo abordados pelos veículos de imprensa. Para nossa surpresa, em 49 anos de pesquisa em dois jornais locais, descobrimos um número pequeno de referências: 21 matérias no Diário da Região, em 41 anos de pesquisa, e nenhum texto no Notícias do Vale, em oito anos de pesquisa.

Este artigo foi organizado em tópicos. O primeiro traz o arcabouço teórico, discutindo de memória, oralidade e tradição oral africana, temas fundamentais na elaboração de histórias das religiões de matriz africana. Em seguida, fazemos a relação entre Comunicação e História; e, ainda, nesta primeira parte, exploramos o gênero livro-reportagem. Na segunda parte, dedicada a metodologia, definimos entrevista semiestruturada e mediada por computador; observação participante e fotoetnografia. Na terceira, trazemos informações da pesquisa de campo e as nossas Considerações Finais.

Com este trabalho pretendemos nos aproximar das memórias contra hegemônicas negra-indígenas que não foram incluídas nas grandes narrativas dos sertões. As histórias contadas sempre privilegiaram o desbravamento e a conquista, nunca os/as conquistados/as e os/as usurpados/as.

Arcabouço teórico

O uso da história oral foi considerado neste trabalho como principal fonte de recuperação de parte da memória do Terreiro Ylê Asé Ayara Onydancor localizado no bairro do Quidé, em Juazeiro/BA. Mas, por se tratar de uma comunidade religiosa, que segue princípios e concepções de mundo decorrentes de hibridismos culturais de matrizes africanas, que compreende e pratica conteúdos da tradição oral africana, procuramos aproximar essa tradição à ideia de história oral e o quanto a oralidade e memória foram fundamentais para a construção de um livro-reportagem.

Para Santhiago (2008, p.33) tanto no Brasil como nos demais países da América Latina o uso e aceitação, não longe das críticas, da história oral “deve-se em grande parte à sua relação política de contestação aos regimes militares e de contribuição para a redefinição democrática”. Segundo Santhiago (2008), a história oral tem uma grande capilaridade, pois compreende todas as experiências individuais como históricas. Qualquer pessoa é um agente histórico. No caso dessa pesquisa, ouvimos, principalmente, a família do fundador do terreiro, Manoel Rodrigues da Rosa, sejam por consanguinidade ou por familiaridade religiosa.

Apesar da sua importância para a reconstituição de uma história nunca contada por meio da escrita, a oralidade enfrenta uma crítica, a da veracidade já que ela não se dá nem pela percepção, nem pelo testemunho. Afinal, a subjetividade presente nos depoimentos, pode evidenciar imprecisões e omissões nas falas, silenciamentos sobre determinados detalhes ou acontecimentos e, essas questões, precisam ser captadas pelo/a pesquisador/a na hora da montagem do mosaico histórico.

Mas, para Santhiago (2008, p.38) a história oral “se importa com o passado imaginário, inventado das pessoas. O que elas acreditam é mais importante do que aquilo que de fato viveram. A pergunta essencial não é *há mentira?* mas *por que há mentira?*. A subjetividade passa a ser, assim, objeto dos estudos em História”.

Na verdade, a passagem da oralidade para um texto é, em si, um documento e, para Santhiago (2008, p.43) “deve ser interpretado e analisado como se faria com qualquer outra fonte histórica, ainda que considerando as especificidades do documento de origem oral. Ele não é um fim, mas um meio”. Já para Cardoso (2009), trabalhar com narrativas orais, associadas a outras fontes, contribui para a compreensão das

transformações do social, evidenciando novas perspectivas da relação entre o passado e o presente invertendo essa equação.

E mais: “É que a oralidade faz com que a memória recupere “referências simbólicas de experiências vividas no passado e reinterpretadas no presente das narrativas”. Ou seja, a pessoa entrevistada, em sua narrativa, evidencia escolhas, que tanto se alternam como se repetem em vários contextos e tempos históricos. Cardoso (2009) faz um comentário para o/a historiador/a oral, que também serve para o/a jornalista, quando no processo de garimpagem de informações de fatos passados: de que o/a profissional não trabalha, apenas, com a memória de uma pessoa. Mas com a possibilidade de transformar narrativas em história e, nesse movimento, em que se cruzam várias redes o/a profissional não pode perder o seu papel de analisar essas informações.

E, no caso desta pesquisa, a ideia construída de história oral, recorrente no Brasil, remete a diferenças de compreensão da oralidade, por exemplo, com culturas africanas, matrizes de várias religiões, como o Candomblé. Ou seja, um terreiro de Candomblé se constitui como um espaço que transita por duas ou mais concepções de mundo, já que a tradição africana, marcada pela oralidade, segue pressupostos distintos aos valores ocidentais.

É da porteira para dentro de um terreiro, a passagem para o convívio de mundos distintos onde valores africanos têm maior prevalência do que os da porteira para fora. Fora dessa porteira, as questões que envolvem cultura e religiosidade de matriz africana ainda hoje sofrem as consequências do racismo, de um processo de colonialidade que nega e inferioriza essas manifestações.

Se na história oral brasileira a veracidade das informações é um grande risco ao desenvolvimento de qualquer estudo, esse perigo é minimizado na tradição africana, já que vários grupos étnicos africanos têm, na mentira, uma negação da concepção do ser humano. E essa reprodução, nas religiões brasileiras de matriz africana, foi constatada durante o desenvolvimento dessa pesquisa.

Nesse sentido, Hampaté Bâ (2010) não coloca como uma dualidade o maior grau de crédito à escrita do que à oralidade, quando se trata da reconstrução de dados do passado. Para ele, os gêneros linguísticos, escrita ou oralidade, são resultantes de um testemunho humano “e vale o que vale o homem” (HAMPATÉ BÂ, 2010, P. 168). Para ele, antes do homem escrever sobre o que pensa ele exercita sua memória, recordações

sobre, os fatos a partir de como lhe foram contados, de boca a ouvido. Ensina que na tradição oral africana, os ‘mundos’ espiritual e material não são dissociados. Nessa perspectiva de ethos distintos Hampaté Bâ (2010, p.172) afirma que “sendo a fala a exteriorização das vibrações das forças, toda manifestação de uma só força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como sua fala. É, por isso, que na tradição oral a mentira representa a quebra desse ciclo”.

Então, nessas questões tratadas por Hampaté Bâ já se evidenciam diferenças conceituais e de ethos que as pessoas ligadas a religiões de matriz convivem no seu cotidiano. E é esse lugar de fala, permeado por esses dois mundos que as entrevistas e seus conteúdos que nós, pesquisadores/as tivemos que ficar atentos/as.

Comunicação e História

A pesquisa *Imagens e História das Religiões de Matriz Africana* foi motivada pelas ausências. Ou seja, a inexistência de uma história negra da região onde está localizada a cidade de Juazeiro/Bahia e, em particular, da história e de produtos comunicacionais relacionados às religiões de matriz africana da região. Chegamos a essa conclusão, como já tratamos aqui, quando realizamos uma pesquisa nos jornais da região para saber como os episódios relacionados à intolerância religiosa estavam sendo abordados.

Essa realidade se mantém em outras áreas do conhecimento, pois, poucos/as pesquisadores/as da região têm publicado sobre o assunto e têm sido referência para seus/suas orientandos/as, entre eles o professor Juracy Marques, transitando pelas áreas de Educação e Antropologia. Portanto, nos confrontamos com uma temática contra hegemônica, marcada por silenciamentos históricos, consequência dos racismos estrutural e institucional e das hierarquias criadas por eles.

Assim, propor uma narrativa no campo da Comunicação, em particular, do jornalismo, sobre a história de um dos terreiros mais antigos da cidade é enfrentar uma memória recusada e dialogar com a história um desafio que passa pela compreensão das diferentes temporalidades dos dois campos e de suas aproximações, enquanto formas de narrar histórias de pessoas. Como afirma Barbosa (2009, p. 13) “falar em comunicação e história é se referir a dois pressupostos fundamentais que, a meu ver, norteiam tanto o ato comunicacional como o ato histórico: narrativa e tempo”.

Ainda que a história tenha formulado seu campo de atuação visando o passado, definindo-se muitas vezes como “a ciência dos homens no tempo” – se quisermos aqui nos apropriar da expressão clássica de Marc Bloch –, enquanto a comunicação se refere às relações que envolvem ações presentes, ambas dizem respeito às relações humanas, seja nas sociedades presentes seja passadas. Significa ir em busca da nossa humanidade pelo ato narrativo. (BARBOSA, 2009, p. 13).

O passado pode ser acessado por resquícios da cultura material, da memória vivida, através dos documentos ou da sequência de gerações, como enfatiza Barbosa (2009, p.9), produzindo “identidades narrativas em direção à construção do tempo histórico”. Porém, esta afirmação expõe uma lacuna: a história das religiões de matriz africana foi marcada por apagamentos e violências de seus registros e documentos. “São os atos comunicacionais dos homens do passado o que se pretende recuperar como verdade absoluta ou como algo capaz de ser acreditado como verídico. É, nesse sentido, que dizemos que a história é ato comunicacional” (BARBOSA, 2019, p.19). A afirmação da autora nos remete a várias outras dimensões onde comunicação e história se entrelaçam. Ao pensar que ambas constroem narrativas, sem olhar as narrativas apenas como gêneros textuais, mas, como as diversas formas de produção cotidiana das narrativas, de reinterpretações: “a vida nada mais é do que um ato narrativo” (IBDEM, p.19).

Tanto a História como a Comunicação produzem textos (entendidos como várias formas de linguagens) sobre um passado mais ou menos longínquo, que representa reinterpretações do mundo e não verdades. E, esses textos, produzem novas interpretações e possibilidades de quem deles se apropria. Então, Barbosa (2009, p.20) afirma que, assim como a semiótica, “qualquer texto é produzido em três dimensões”: primeiro o mundo, esse que não se apreende, apenas se sente a qualidade; depois a leitura do mundo; e só então outro texto.

Estamos, então, produzindo uma narrativa textual da história do terreiro Ylê Asé Ayara Onydancor, a partir da memória oral e de fragmentos deixados pelas pessoas e objetivos do mundo das religiões de matriz africana da região, partindo do presente e de metodologias do campo da Comunicação, mas tendo consciência que o tempo é histórico e todos estão nele, indo e voltando com memórias que se transformam com as vivências: “O passado é sempre permeado pelas visões do presente, que também se realizam em

direção ao futuro (...). A história é sempre interpretação feita a partir de quem, do presente, olha o passado”, (BARBOSA, 2019, p. 21).

Sobre esses silenciamentos e critérios de noticiabilidade, Bergamo (2011) cita Ribeiro & Brasiliense (2006) para questionar o papel da comunicação em ser um dos meios responsáveis pelo enquadramento do passado das coletividades, na tentativa do/a jornalista de enquadrar a realidade. O autor discute, ainda, a reportagem e a notícia como fontes para a história. Esta discussão nos remete a uma questão circular: a falta de registros históricos sobre a história negra na região e das religiões de matriz africana em particular, nos levou a realizar esta pesquisa. Ou seja, este tema não ocupou a narrativa jornalística da região, tampouco a narrativa histórica.

Livro-reportagem

O produto final dessa pesquisa foi à produção de um livro-reportagem intitulado “Terreiro Onydancor: a ancestralidade do axé em imagens e memórias, em Juazeiro (BA)”, resultado da aplicação de vários métodos (descritos abaixo), sendo o principal deles as entrevistas presenciais e mediadas pelo computador, e a revisão bibliográfica de alguns temas, os quais serão elencados na apresentação dos capítulos. Neste tópico trazemos algumas discussões sobre a importância do livro-reportagem na construção de narrativas jornalísticas e suas interfaces com a literatura e a história, reflexões que permitiram a escolha desse gênero para apresentação dos resultados dessa pesquisa.

O enlace entre o jornalismo e a literatura acompanha a história da imprensa. Ferreira (2004), na sua tese de doutorado explora as tensões entre esses dois campos, fazendo ainda uma interlocução com a história. O título de seu livro “Literatura e Jornalismo, práticas políticas” é bastante emblemático para expressar o ponto de vista do autor.

Através da análise de algumas obras, como Rota 66, de Caco Barcelos, Ferreira vai dizer que o livro-reportagem permite ao autor, além de todos os recursos de uma narrativa literária - como a construção de personagem, construção própria do tempo e do espaço ou escolha do foco narrativo - a expressão do seu ponto de vista sobre determinada realidade, ou seja a expressão da opinião, sem contudo deixar de explorar as diversas facetas da realidade dada pelos documentos e entrevistas. E o grande exemplo que ele cita

é o livro Rota 66, no qual o autor escolheu o lado das vítimas dos assassinatos cometidos pela Rotas Ostensivas Tobias Aguiar, a Rota, de São Paulo e denunciados pelo autor.

Ferreira (2004) aponta, desta maneira que os livros reportagens representam práticas políticas, posicionamentos de seus/suas autores/as diante da realidade. Para nós é um aspecto importante pois a pesquisa que originou o nosso livro se volta para a defesa do direito à história e à memória dos povos negros e, em particular, das religiões de matriz africana. Nos posicionamos ao longo da narrativa, privilegiando a fala, através do uso predominante de falas diretas, daqueles/as que construíram e estão no entorno do terreiro Onydancor. Desse modo, esse posicionamento está presente nas escolhas estilísticas da narrativa.

Rogé Ferreira (2004) recupera autores no Brasil e no exterior que, no começo do século XIX, já desenvolviam o jornalismo literário com maestria. No Brasil ele cita Euclides da Cunha, com os Sertões (1902) ou o estadunidense John Reed, com “10 dias que abalaram o mundo”, que conta a história da revolução mexicana de 1910.

O termo “novo jornalismo”, de fato, foi originalmente cunhado por Mathew Arnold em 1887 para descrever o estilo da Pall Mall Gazette de Stead: atrevido, vívido, pessoal, reformista – e ocasionalmente, do ponto de vista conservador de Arnold, inconsequente [a expressão jocosa utilizada teria seu significado mais apropriadamente traduzido por “cabeça oca”, “cuca fresca” ou “cérebro de passarinho”, com o necessário toque de ironia implicado]. (KERRANE apud FERREIRA JÚNIOR, 2004, p. 289)

Esse tipo de jornalismo ganha força nos anos 1960, com o *new journalism*, que Ferreira (2004) faz questão de frisar que não é novo e, sim, que recebe grandes contribuições nos Estados Unidos, inclusive, com a publicação desta narrativa em revistas como a New Yorker. Lima (2004) é um dos autores bastante referenciado na discussão sobre esse gênero, trazendo autores como Truman Capote, John Reed e Gay Talese, todos dessa importante geração. Porém Ferreira (2004) faz uma crítica à tentativa excessiva de subclassificação do gênero e ao fato de Lima colocar o *new journalism* como o início desta forma de narrativa, no campo do jornalismo.

Uma das características do livro-reportagem é relatar a história e quem a escreve, no caso, o/a jornalista, precisa transcrever as emoções dos/as personagens, descrevendo, com detalhes as reações do/a entrevistado/a ao contarem os fatos da sua vida, como os momentos de risos, choros, as expressões faciais, gestos com as mãos, o balançar das pernas e dos pés etc. Ao longo do livro em questão, exploramos esses aspectos, utilizando

para isso uma descrição detalhada das entrevistas, onde entraram as observações, gestos, sorrisos, interjeições etc.

Outra característica diz respeito à importância da contextualização dos fatos, de se detalhar o espaço onde a história se passa e, também, o ambiente do local onde foi realizada a entrevista presencial. Santana (2011) nos ajuda a entender, ao citar Ugo Voli (2007), que “o espaço como veículo de significação textual, como lugar que determina ou bloqueia e transformações dos sujeitos e dos valores em jogo”. Este é um elemento fundamental na construção de uma narrativa literária e há inúmeros autores que o discutem. A contextualização do cenário do passado, assim como do espaço onde ocorrem as entrevistas dão ao leitor a ambientação de onde a história foi contada. O terreiro tem uma grande significação para as religiões de matriz africana. É o lugar do sagrado. Um espaço cuidado e repleto de detalhes. Como a maioria das entrevistas aconteceram nesse espaço, tentamos caracterizá-lo física e psicologicamente.

O livro-reportagem relata a história do/a outro/a e, ao gerar uma disputa discursiva, nota-se a heterogeneidade dos fatos e que eles, os fatos, envolveram personagens diferentes. E, nessa dinâmica, existem concorrência de discursos que estão diretamente ou indiretamente relacionados. De acordo com Indursky (1997, p.196) a possibilidade de reflexão sobre o discurso do ‘outro’ permite constatar a heterogeneidade presente em qualquer discurso. Permite, ainda, o entendimento de que um discurso sempre está relacionado, transporta fragmentos de outros discursos. E, durante as entrevistas constatamos essa afirmação de Indursky (1997) ao montarmos o quebra-cabeças das narrativas de cada um sobre o mesmo fato: o silêncio de um/uma, se revelava na fala da/do outro/a.

Metodologia

O desenvolvimento dessa pesquisa é resultado de uma seleção de metodologias e métodos para a construção da história do terreiro Ilê Asé Ayrá Onydancor, que reuniu: entrevista semiestruturada presenciais e mediadas por computador; observação participante e fotoetnografia.

Utilizamos a entrevista nessa pesquisa porque ela é uma das formas mais amplas de se obter, utilizar e compreender elementos de vários campos da sociedade. Segundo Duarte e Barros (2005) a entrevista é um método para se aprofundar, a partir de bases

teóricas, de acordo com os dados dos/as entrevistados/as, visando colher o material esperado, pelo/a entrevistador/a de forma a examinar, com profundidade, o conteúdo.

Nessa pesquisa usamos a entrevista semiestruturada, muito recorrente no jornalismo e em pesquisas etnográficas, pois contribui na condução da conversa com foco e flexibilidade, tendo o/a entrevistador/a preocupação com o conteúdo, com as questões estabelecidas, mas não segue rigorosamente uma lista de perguntas já elaboradas. Assim, conforme Duarte e Barros (2005), a pesquisa semiestruturada permite que o/a pesquisador/a adentre no modo de vida do seu objeto de pesquisa, possibilitando, ainda, o entendimento do funcionamento da comunidade estudada, com base nas informações dadas pelos/as mesmos/as.

Entrevistas mediadas pelo computador

Ainda que de forma breve, queremos trazer aqui um questionamento que surgiu durante esse trabalho, já que, por conta da pandemia por coronavírus, das regras de isolamento social, tivemos que recorrer a entrevistas mediadas pelo computador. Até então, as entrevistas foram presenciais, tendo como recursos tecnológicos um gravador e câmera fotográfica. E, aí, nos deparamos com a netnografia, compreendida por Kozinets (2010), como um método da área da etnografia, voltada para estudos do comportamento das pessoas e grupos sociais usuários da *internet*.

Então, seguindo a proposta de Kozinets (2010), a netnografia está associada a Etnografia, uma área da Antropologia voltada para a produção de conhecimento sobre um determinado grupo social, a partir da coleta de dados em campo. Já na netnografia, a pesquisa de campo é intermediada pelo computador, sem o encontro presencial. A netnografia, basicamente, se dá de duas maneiras: por meio de pesquisa em comunidades on-line que diz respeito ao estudo de fenômenos relacionados às comunidades eletrônicas e a cultura on-line.

A segunda maneira de estudo netnográfico é a pesquisa on-line em comunidades. Essa, diz respeito aos estudos investigativos de algum fenômeno social, cuja existência social ultrapassa a *internet* e as interações on-line. Diante dessas informações, concluímos que, mesmo que uma pequena parte do material do livro-reportagem tenha sido colhido com o recurso do computador, essa pesquisa não se configura como

netnográfica, porque o seu foco de estudo não foi nem pesquisa em comunidades on-line, nem pesquisa on-line em comunidades.

Observação participante

Também utilizamos a observação participante por ser um mecanismo social, em que o/a pesquisador/a permanece algum período de tempo em certa comunidade, a fim de compreender a realidade coletiva desse espaço, seus costumes e crenças. Duarte e Barros (2005, p.103) entendem que “o cientista social não se coloca ingenuamente ou, pelo menos, não deve se colocar em relação a sua presença no grupo”. O/a pesquisador/a pode ou não participar das rotinas do grupo, mas só a sua presença no local, altera os hábitos do grupo.

Fotoetnografia

Outra discussão central para nós nessa pesquisa é relativa a fotoetnografia, que tem em Achutti (2004) um de seus principais teóricos no Brasil. Para ele, o termo fotoetnografia encerra a ideia de ter a fotografia como principal linguagem narrativa nas pesquisas etnográficas, constituindo-se como principal elemento da narrativa, já que a linguagem textual sempre teve destaque no universo da Antropologia e a fotografia entrava, apenas, como ferramenta complementar do discurso.

No campo da Comunicação, a fotografia, como narrativa, já é uma constante em vários trabalhos e relacionando-se com outras metodologias. Ela sempre esteve presente ao longo da pesquisa realizada no terreiro Onydancor. O levantamento fotoetnográfico foi realizado em vários eventos promovidos pelo terreiro: perfilamos, em fotos, os/as entrevistados/das e, também, recorremos a memória imagética familiar, trazendo memórias e informações do passado, através da releitura dos/as entrevistados/as.

Dados do livro-reportagem

O livro-reportagem, fruto dessa pesquisa, está em fase final de montagem. Ele é resultado da revisão de literatura sobre a ocupação negra do Vale do São Francisco, que compôs o primeiro capítulo. Os demais capítulos são resultado da compilação crítica de 12 entrevistas presenciais e uma mediada pelo computador. A maioria das entrevistas, (sete) foi realizada com os/as filhos/as consanguíneos de Manoel Rosa - Erivelton, Edna,

Elson, Pai Edinho, José, Florisvaldo e Erisvaldo. Consideramos que a visão dos/as filhos/as sobre a história do terreiro seria de grande importância. As demais entrevistas, que completaram esse mosaico, foram com simpatizantes do terreiro, adeptos/as da religião e filhos/as da casa. Esses encontros, que caracterizam a pesquisa de campo, se iniciaram em outubro de 2018 a outubro de 2020, sendo que quase todos os presenciais ocorreram nas instalações do terreiro, que lembra um sítio.

O conjunto dos imóveis do terreiro, seguem uma arquitetura própria, seja na disposição dos espaços, como no barracão, onde ocorrem os Xirês (festas abertas ao público) seja na localização das casas dos Orixás e Caboclos, na cozinha e nos dormitórios. O terreiro tem uma boa área aberta, com árvores e plantas ‘sagradas’, que têm significado especial para a religião. E foi debaixo de árvores esplendorosas, que as entrevistas aconteceram, mesclando natureza com ambiente de tranquilidade.

Estamos organizando a narrativa do livro-reportagem em terceira pessoa do singular, dando destaque às falas diretas, destacando expressões e sensações dos/as entrevistados/as. Também privilegiamos o território e suas nuances, através da descrição detalhada dos ambientes. Preliminarmente, o Sumário está, assim, dividido:

Introdução, na qual localizamos o leitor na cidade de Juazeiro e discorremos sobre a pesquisa que deu origem ao livro. Abordamos também as motivações das/dos pesquisadoras/es envolvidas/os e a expectativa de tornar o trabalho uma referência para a história, a educação e a comunicação.

Capítulo I - A ocupação negra de Juazeiro e a história do bairro do Quidé. Este capítulo é resultado de uma investigação detalhada ao acervo Dom José Rodrigues, localizado na biblioteca do Campus de Juazeiro, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde procuramos e lemos todas as obras memorialísticas da cidade, resultado na revisão dos seguintes conteúdos: a revisão de três principais obras “O Homem no Vale do São Francisco Tomo I, II e III, de autoria de Donald Pierson; “Juazeiro da Bahia à Luz da História”, na qual a tradição oral predomina na sua narrativa, de Walter de Castro Dourado; e Jorge de Souza Duarte (1986), com a sua obra “Juazeiro nos Caminhos da História”, que, também, tem caráter memorialístico, utilizando livros sobre a região; a memória oral e as suas próprias memórias.

Capítulo II - A fundação do Terreiro Onydancor. Narramos aqui, através das entrevistas com os/as filhos/as biológicos/as; os/as filhos/as religiosos/as e a liderança

religiosa da casa; a história de fundação do terreiro e os problemas enfrentados ao longo de sua história. Este é o terreiro mais antigo em funcionamento da cidade e guarda a memória das primeiras casas abertas em Juazeiro.

Capítulo III - A morte do patriarca e o novo babalorixá. Neste capítulo contamos como se deu a sucessão da liderança religiosa da casa, através de entrevistas com as pessoas que ocupam cargos importantes na comunicada, pois o atual babalorixá é filho biológico do fundador, remetendo a várias questões familiares e hierárquicas da religião.

Capítulo IV - Os/as filhos/as da casa e suas visões. Neste capítulo entrevistamos os/as adeptos/as da casa, ou seja, os/as filhos/as que ingressaram no Candomblé pelas mãos do atual babalorixá, situando a importância do terreiro em suas vidas e na vida da comunidade e da cidade, abordando conflitos e dificuldades.

Capítulo IV - A festa do Caboclo Boiadeiro. Este é o espaço dedicado a maior festa da casa, que dá nome ao capítulo, fruto da observação, fotografias e filmagens autorizadas do evento, por dois anos, e de entrevistas com três principais lideranças religiosas da casa. Esta festa reúne vaqueiros, indígenas e candomblecistas, representando o maior evento realizado por um terreiro na cidade e de grande valor histórico e etnológico.

Capítulo V- Os caminhos do Onydancor. Este é o último capítulo e foi escrito a partir das impressões do grupo sobre todas as entrevistas, abordando a forma com que o terreiro tem se relacionado com o mundo. Ou seja, enquanto uma religião tradicional, de que forma tem enfrentado as mudanças da sociedade, das tecnologias e as várias pressões impostas às religiões de matriz africana.

4. Considerações Finais

Foi muito significativo para a equipe constatar que várias questões levantadas tanto no arcabouço teórico quanto no metodológico apareceram ao longo da coleta de dados, como foi o caso dos silenciamentos. Agora, trataremos, apenas de dois: um diz respeito ao fato do líder da comunidade do Terreiro Onydancor, Manoel Rodrigues da Rosa, ter constituído duas famílias. Do total de 13 entrevistas, o fato só foi citado por uma pessoa. O outro acontecimento silenciado, foi o de um dos filhos consanguíneos da primeira família do Sr. Rosa, ter sido o único criado pela avó. Apenas essa pessoa falou, de forma muito emocionada, do caso.

Alguns pontos nevrálgicos que marcam a história da comunidade religiosa e da família Rosa, como a abertura de um outro terreiro por um dos filhos consanguíneos, ganharam três versões. Cada uma delas, dada por cada uma das três pessoas entrevistadas que fizeram essa referência. Nesse caso, analisamos, que as subjetividades individuais deram graus distintos de importância no relato de determinadas passagens desse acontecimento, que impactou a comunidade religiosa, como um todo.

Por conta de investigações posteriores ao fato revelado da existência de uma segunda família do Sr. Rosa, localizamos uma das filhas desse relacionamento, através dos cruzamentos com informações coletadas pelo grupo de pesquisa, em outros estudos. Essa filha do Sr. Rosa foi moradora de um dos quilombos de Juazeiro, o do Alagadiço, distante 18 km do bairro do Quidé.

Observamos que as narrativas não apontam para um racismo religioso no bairro onde está localizado. Pelo contrário, o terreiro sempre se integrou aos/as moradores/as, por meio de projetos e ações sociais, tendo sido, inclusive, usado como posto de saúde em campanhas de vacinações. No entanto, os relatos sinalizam para a constatação de que o Candomblé é uma religião discriminada, socialmente. A pesquisa ainda contribuiu para analisarmos um dos principais eventos públicos da comunidade religiosa: A Festa do Boiadeiro, que reúne culturas distintas: a do Candomblé, da comunidade indígena Tuxá e vaqueiros, sem que, no entanto, ocorra um hibridismo cultural.

Esta pesquisa também possibilitou um levantamento importante sobre a ocupação negra da região, bastante enredada as histórias indígenas e os processos violentos de colonização do território, permitindo o entendimento de alguns dos entrelaçamento de tradições encontradas dentro do terreiro.

Referências:

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Caderno de Campo Digital – Antropologia em Novas Mídias. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n 21, pág. 273 – 289, jan./jun 2004
- BARBOSA, Marialva. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. **CMC - Comunicação, Mídia e Consumo**, Volume 6, número 16, 2002, pp 11-27. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/154on>. Acessado em 01 de outubro de 2020.
- BERGAMO, Alexandre. Reportagem, memória e história no jornalismo brasileiro. **Mana**, Número 17, Volume 2, 2011, p. 233-269. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132011000200001&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 6 out 2020.

- CARDOSO, C. E, PELINSON, F. MENGARDA, E. J. **Livro-reportagem**: Por trás da luz vermelha. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2013/expocom/EX35-0069-1.pdf>>. Acesso em: 06 out 2020.
- CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Fontes orais na história social: desafios e caminhos de interpretação. **Anais da ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História** Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772192_1f726c58ac9c4c3905cf7d23d8261a3e.pdf. Acesso em: 3 out 2020.
- DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Editora Atlas S.A. São Paulo, 2005.
- DOMINGUES, J. DE M. **A Ficção Do Novo Jornalismo Nos Livros-reportagem De Caco Barcellos E Fernando Moraes**. 2012 105, Tese de Doutorado Em em Comunicação Social, na área de concentração no estudo das Práticas e Culturas da Comunicação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), 2012. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4488/1/437810.pdf> A>. Acesso em: 05 out 2020.
- FERREIRA, Carlos Rogé. Discurso sobre o novo jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem. In: _____ **Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas**. São Paulo:Edusp, 2004, p. 279 – 317
- HAMPETÈ BÁ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO (Editor). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.
- IBGE, 2010. **SIDRA**. Tabela 3175 - População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175>. Acesso em: 25 set 2020.
- JESUS, Marcus Vinicius Gomes de; SÁ, Ana Luiza; SANTOS, Ceres; SANTOS, Márcia Guena. A cobertura e os discursos sobre intolerância religiosa do Diário da Região/BA. **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Belém, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1502-1.pdf>. Acesso em: 01 out 2020.
- KHOURY, Iara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10731>. Acesso em: 3 out 2020.
- KOZINETS. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LIMA, Edvaldo. Fronteiras Ampliadas de um Território em Conformação. In: _____ **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Ed. rev. e atual. Barueri, SP: 2004.
- MARIETTO, Marcio Luiz. Observação Participante e Não Participante: Contextualização Teórica e Sugestão de Roteiro para Aplicação dos Métodos. **Rev. Iberoam**. Estraté. São Paulo v.17 n.4, pp.5-18, Oct-Dec. 2018.
- PENA, Felipe. Jornalismo literário. São Paulo, Editora Contexto, 2006
- PEREIRA, A. C. Os discursos do livro-reportagem. **Caligrama**. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/64695/67316>>. Acesso em: 05 out 2020.
- SANTANA, N. C. DE, SANTOS, M. G. Dos. O espaço na construção da narrativa de A Sangue Frio. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1916-1.pdf>>. Acesso em: 06 out 2020.
- SANTHIAGO. Ricardo. Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade. **Revista de história**. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11395/6509>. Acesso em: 4 out 2020.